

MATERIALIDADE TÊXTIL NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NO ENSINO MÉDIO COMO POSSIBILIDADE DE EXPRESSÃO E ENSINO-APRENDIZAGEM.

ÉRICK PORTO HERMES¹

CAROLINE LEAL BONILHA²

¹*Universidade Federal de Pelotas - UFPEL*
erickportohermes@hotmail.com

²*Universidade Federal de Pelotas - UFPEL*
bonilhacaroline@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Como técnico em Vestuário e atualmente aluno formando do Tecnólogo em Design de Moda e em Artes Visuais Licenciatura UFPel, o que me instigou a pesquisar sobre o presente tema foram as circunstâncias durante meu processo formativo enquanto futuro professor, onde observei que quando conversamos sobre materialidade têxtil e a sua amplitude dentro do universo imagético, naturalmente fazemos referência a tecidos, fios e costura. Também é comum a referência a esta materialidade no local de expressão da produção da moda e de suas reproduções como vestimentas utilitárias, de proteção, em larga escala ou unicamente como recurso estético de expressão de estilo pessoal. Com isto, surgiu certo incomodo pela falta de acesso a esta materialidade na minha formação básica e com quase nenhum contato significativo ou aprofundamento do olhar teórico da educação sobre esse diálogo em minha graduação em Artes Visuais Licenciatura. Assim, fui em busca de tentar compreender as motivações de tal circunstância, e notei um baixo número de materiais e referências sobre o assunto, em especial no meu espaço de pesquisa acadêmica, como as bibliotecas da universidade e principalmente nas salas de aulas das disciplinas de artes visuais.

Partindo dessa percepção, busquei por explorar e construir esse diálogo nas minhas atividades em sala de aula, como motivo central de pesquisa em meus trabalhos no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) e nos meus estágios obrigatórios no ensino fundamental e médio nas escolas de educação básica da cidade de Pelotas. A materialidade têxtil foi pensada a partir do olhar das Artes Visuais, como recurso principal e exploratório, diferente da reprodução de massa sobre o que e como vinculamos a materialidade têxtil no nosso dia a dia.

Neste trabalho, uso como referências a pesquisa da arte educadora Luciana Borre, o artista Bispo do Rosário e as instalações de Sónia Gomes. O objetivo é construir um recorte comparativo das atividades desenvolvidas na educação infantil e no ensino médio, em busca da reflexão de como essas possibilidades são potentes no desenvolvimento dos alunos, independentemente da idade e da etapa formativa que se encontram.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Quanto as minhas atividades a serem apresentadas, foram desenvolvidas em duas escolas diferentes e com preocupações e necessidades exploratórias distintas, mas ambas de ensino básico. As atividades desenvolvidas no PIBID

ocorreram na EMEI José Lins do Rego, para turmas do berçário, maternal e pré-escolar, com idade de 6 meses a 6 anos.

Para as minhas propostas na educação infantil, iniciei conversando com a minha supervisora do programa, professora regente das turmas, com o intuito de compreender o que ela vivenciava em sala de aula no seu dia a dia, no encalço de construir minhas atividades de modo colaborativo, juntamente do olhar atento da mesma. Quanto a elaboração do meu cronograma de atividades, voltei nas aulas da disciplina de Psicologia da Educação, em busca de compreender melhor as necessidades que as turmas do berçário, maternal e pré-escolar poderiam ter.

Meu foco, foi entender os processos de desenvolvimento de cada faixa etária, com isso, cheguei na proposta de uma aula sequencial, onde busquei por explorar o sensorial da materialidade têxtil. Neste momento optei por iniciar introduzindo sutilmente o tema, com temperos naturais como o açafrão, spirulina, ora-pró-nobis em pó, colorau, hibisco em pó e pó de guaraná, seus aromas, sabores e texturas, possibilitando que os alunos que quisessem explorar o seu paladar pudessem provar os temperos, dentro do recorte de tempo de cada faixa etária, onde cada idade reagiu de maneiras distintas uma das outras, conforme a orientação prévia da professora.

Após esta aula, introduzi outro olhar sensorial, desta vez apresentando pinhas e folhas naturais, disponíveis e presentes no ambiente da escola. Esses materiais foram utilizados como carimbo. As turmas partilharam o momento de carimbar em uma grande tela, com tintas também naturais, desenvolvidas por eles mesmos, tendo como composição água, farinha e os mesmos temperos naturais antes apresentados, formando uma composição colaborativa e instigante.

Posteriormente, ainda dando segmento ao tema desta aula, levei diversos recortes de tecidos naturais diferentes para eles explorarem e após, com as mesmas tintas naturais, instiguei o preenchimento de um dos tecidos apresentados, sendo ele o algodão cru natural, mas dessa vez em tamanho maior A3, para cada trio. Em grupos o objetivo era criar uma estampa orgânica e única, com os mesmos pigmentos. Os resultados das atividades, depois de secas e alinhadas foram unificadas por grampos, formando um grande painel com todas as composições.

Com as duas turmas de segundo ano no ensino médio, busquei por explorar outras questões diferentes desta temática, mas mantive aulas sequenciais. Na primeira aula, optei por iniciar uma breve apresentação sobre quem eu era e de onde eu vinha, juntamente da proposta das aulas que eu daria no meu período com eles, comunicando que todos os trabalhos resultariam em uma exposição para a turma. Com esta roda de conversa, compreendi minimamente sobre o que eles entendiam quanto materialidade têxtil, moda e corpo como meio de expressão. No segundo momento, apresentei o artista Arthur Bispo do Rosário, com o olhar para a sua história, obras e problemática de vida. Solicitei que os alunos produzissem uma carta para o artista, de modo livre e sem direcionamento de recorte de tempo, somente com o entendimento e a opinião de cada um sobre a vida e trabalhos do artista. Finalizando antecipei a tarefa da próxima aula, e solicitei que se recordassem de trazer para a próxima aula alguma materialidade têxtil que os representassem.

Na terceira aula os alunos apresentaram brevemente a materialidade têxtil que trouxeram, apresentei recortes de cinco tecidos sintéticos e cinco tecidos naturais para eles refletirem sobre qual deles se aproximava da materialidade que haviam apresentado anteriormente. Depois desenvolveram croquis sortidos com biótipos diversos, para que eles individualmente “vestissem” roupas que eles se

identificavam e se caracterizavam, para desenhar por cima daquele corpo diferente do seu.

No quarto e último momento de produção, a proposta foi o desenvolvimento de um manto colaborativo, inspirado no do Bispo do Rosário, onde a primeira turma iniciou a construção da escrita e colagem, e a última finalizou o manto preenchendo os espaços, os últimos alunos também puderam explorar o manto, de modo a performar rapidamente, explorando a materialidade do mesmo, conforme a sua “utilidade” no dia a dia do artista.

Finalizando minha experiência com eles, através de recursos básicos e viáveis, consegui juntar as duas turmas e montar uma exposição de todos os trabalhos que foram entregues, em busca de construir uma exposição. A exposição foi uma “experiência única de vernissage naquela escola”, segundo o relato dos alunos. O objetivo da proposta, foi o de possibilitar a eles esse espaço para dialogar e compreender o que é e como se constrói uma exposição, afim de entenderem locais como museus. Também foi objetivo proporcionar um momento para apreciarem seus próprios trabalhos, desta vez com um tempo maior e um olhar mais atento para as etapas e processos, e por fim, oficialmente performando e experimentando o manto vestível.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na educação infantil, uma das maiores implicações foram as mudanças no ambiente sensorial, ao cheirar e tocar, era notável o olhar de estranheza de alguns alunos. Mesmo tão pequenos já demonstravam seus interesses ou desinteresses. É muito potente manter os estímulos dos processos poéticos desde a infância, isso foi um dos maiores aprendizados desta experiência. Com o passar do tempo e o andar das atividades desenvolvidas em classe, parece que os alunos assimilam mais rapidamente as características de cada material, entendendo questões como pigmentação, gramatura e coordenação motora fina, muito mais preparados e afiados, comparado aos alunos que por alguma circunstância não puderam participar.

Finalizando, materialidade têxtil é muito além do que vestimos, compramos ou utilizamos para nos expressar, materialidade têxtil, é um recurso para criar, é a potencialidade de algo que unifica semelhantes e engloba os indivíduos. Em minhas experiências, notei um grande distanciamento com esta materialidade desde ao ser tão jovem e indefeso no berçário, até o jovem adulto tão repleto de opiniões, ou seja, é importante e muito necessário explorar as potencialidades têxteis, para compreendermos melhor quem somos, o que vestimos e o porquê de como nos expressamos no mundo, sendo dentro da arte e fora dela.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMONI, GIL Henrique. Material didático teórico prático sobre a arte da estamparia para professores de ensino médio. Repositório Unisagrado, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unisagrado.edu.br/handle/175>

SILVA Cecilia. Estamparia – Uma padronagem da arte. Brasília, 2013. Disponível em:
https://bdm.unb.br/bitstream/10483/7311/2/2013_Cec%c3%adliaHerculanoDuguedaSilva.pdf

NOTICIA 04/10/2019 00:00 | Atualizado 09/03/2020 01:02 Disponível em:
<https://www.seculodiarío.com.br/cultura/capixaba-viaja-o-brasil-ensinando-a-pintar-com-tintas-naturais>

BLOG - Disponível em: <https://soudealgodao.com.br/blog/estampa-natural/>

Kussler, Mariana Raquel. Algodão orgânico como referencial para estamparia têxtil em ecobags. Repositorio UFSM. 2019-12-02 **Disponível em:** <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/22909>

LEAL, PINHO Caroline. Estudo e analise de fragmentos têxteis relacionados a tecidos aplicados como suporte em pinturas de cavalete. Universidade Federal do Rio de Janeiro 29, abril, 2022. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/17727>

BORRE, L. Narrativas têxteis: quais regime de verdade buscamos criar?. **MODOS: Revista de História da Arte**, Campinas, SP, v. 6, n. 2, p. 442-479, mai.2022. DOI: 10.20396/modos.v6i2.8667448. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/mod/article/view/8667448>.

GOGAN, Jessica. Frederico Morais, os Domingos da Criação e o museu liberdade. In: GOGAN, Jessica em colaboração com MORAIS, Frederico. Domingos da Criação: Uma coleção poética do experimental em arte e educação. Rio de Janeiro: Instituto MESA, 2017, p.250- 264 Para mais informação sobre o livro: <http://institutomesa.org/projetos/novo-livro-domingos-da-criacao-uma-colecao-poetica-doexperimental-em-arte-e-educacao/>

<https://museubispodoroario.com/arthur-bispo-do-rosario/>

Deleuze e a Educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. 98p. HARDT, Michael. Gilles Deleuze: um aprendizado em filosofia.